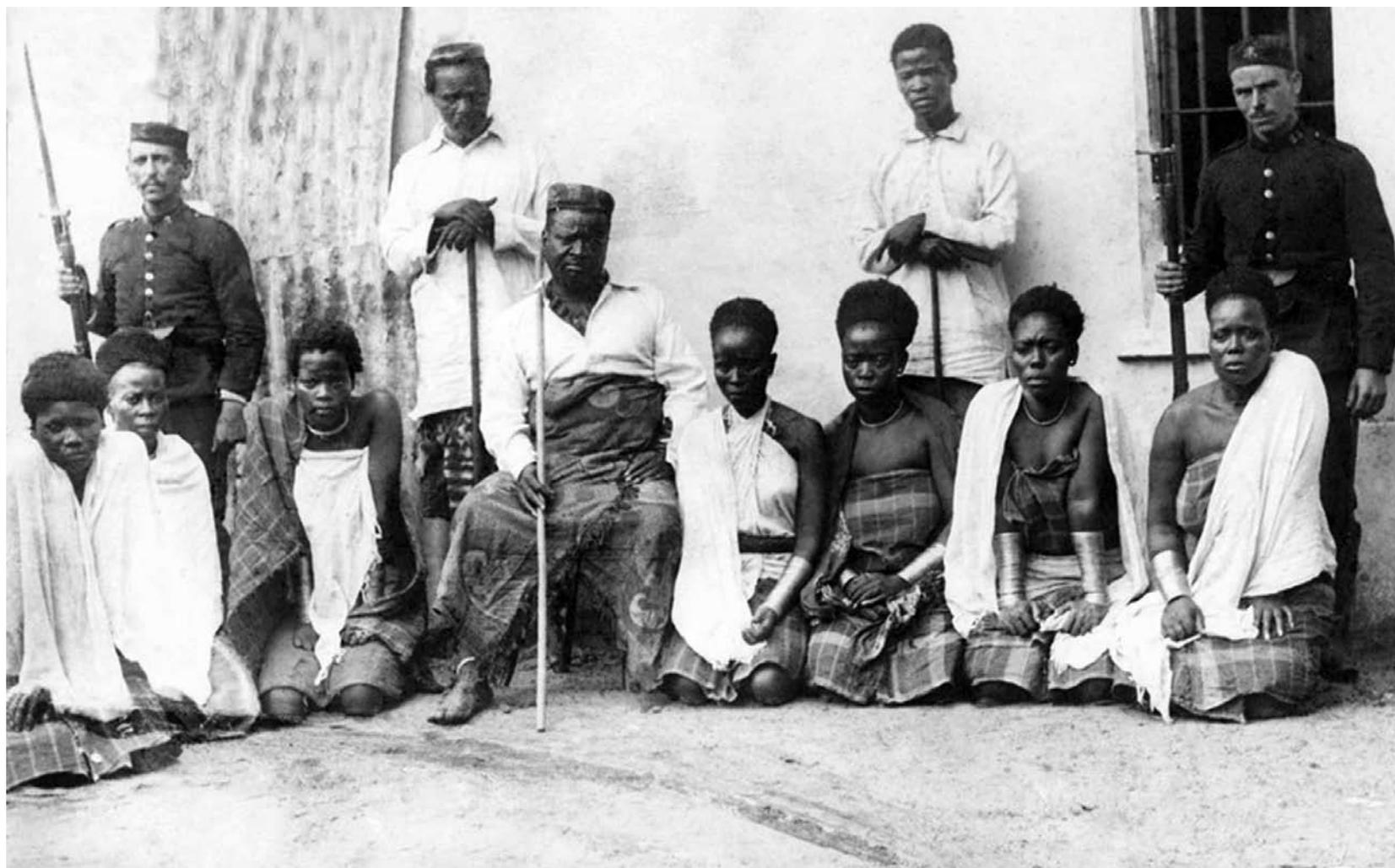


COM COLÓQUIO E ESTREIA DE FILME SOBRE O IMPERADOR DE GAZA (MOÇAMBIQUE)

Memória do exílio de Gungunhana evocada em Angra do Heroísmo



GUNGUNHANA Imperador de Gaza foi exilado em Angra do Heroísmo sem as suas sete mulheres que o acompanharam até Lisboa

Angra do Heroísmo assinala o exílio de Gungunhana com palestras e a estreia internacional de um filme sobre o régulo africano.

A Câmara Municipal de Angra do Heroísmo promove, a 27 e 28 de junho, um ciclo de eventos evocativos dos 125 anos da prisão e chegada de Gungunhana a Angra do Heroísmo. O último imperador de Gaza (Moçambique) foi capturado por militares portugueses, em 1895, e depois ter permanecido três meses em Lisboa com os seus companheiros e sete esposas foi exiliado na Terceira, em junho de 1896, até à sua morte em 1906.

Para além de um colóquio com as perspetivas local, nacional e moçambicana sobre o exílio de Gungunhana, que decorre a 27 de julho, o programa da iniciativa prevê, ainda, a realização de um passeio evocativo

guiado pelo historiador Carlos Enes, o descerramento de uma placa evocativa da efeméride na Casa da Guarda do Castelo de São João Batista e a estreia internacional do filme do realizador Mosco Kamwendo “Realeza esquecida”, que aborda a história de Gungunhana. O filme volta a ser exibido no dia seguinte (28 de julho), no Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo.

Na apresentação da iniciativa, o presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Álamo Meneses, justificou a realização dos eventos evocativos da chegada de Gungunhana à Terceira com o argumento de que “longe vão os tempos do nacionalismo exacerbados porque agora

vivemos tempos de respeito mútuo”. A sessão de abertura de abertura do colóquio do evento “Gungunhana e os seus companheiros de exílio” decorre a 27 de julho, no salão nobre dos Paços do Concelho com intervenções do presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Álamo Meneses, no embaixador de Moçambique em Portugal, Joaquim Bule, do comandante do Regimento de Guarnição nº 1, Joaquim Queijo e do secretário do Instituto Histórico da Ilha Terceira, José Olívio Mendes.

Durante a manhã de 27 de julho, realizam-se as conferências “O papel do cinema como canal condutor da História, da memória e da recordação” (Mosco Kamwendo, realizador do filme “Realeza esquecida”), “A prisão de Gungunhana em Chaimite e a sua transferência para Lisboa” (Moisés Timba, diretor do Forte de Maputo), “A estadia de Gungunhana em Lisboa e a sua prisão para a Terceira” (Luís Albuquerque, diretor do

Museu Militar de Lisboa) e “A vida de Gungunhana e da restante comitiva real africana na Terceira” (Jorge Forjaz).

Nascido em Gaza, em 1850, Gungunhana foi o último imperador do Império de Gaza, no território que atualmente corresponde a Moçambique e o último monarca da dinastia Jamine. Joaquim Mouzinho de Albuquerque capturou Gungunhana a 28 de dezembro de 1895, em Chaimite. A 13 de março de 1896, Gungunhana, sete das suas mulheres, o seu filho Godide, o seu tio Molungo e o régulo Matibejane de Zixaxa e as suas três mulheres e um criado desembarcam em Lisboa.

Depois de três meses de reclusão em Monsanto, Gungunhana e companheiros chegam a Angra do Heroísmo a 27 de junho. Recebeu o batismo católico, em 1899, na Sé de Angra, passando a responder o nome de Reinaldo Frederico Gungunhana até morrer, em 1906. ■